



Prof. José Carlos Córdova Coutinho

Professor emérito da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - UnB e membro titular do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal - CONDEPAC. Reconhecido pela sua defesa da Universidade de Brasília e da universidade pública, pelo seu trabalho no tombamento, preservação, conservação e democratização do patrimônio cultural do Distrito Federal, atribuindo especial valor à dimensão afetiva do patrimônio.

## Brasília 60 anos: Entre o afeto e a utopia

**1. Revista *Com Censo* (RCC) - Professor Coutinho, o senhor é uma referência quando falamos em assuntos culturais no Distrito Federal. Para começar essa entrevista, gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre a sua história e atuação profissional em patrimônio cultural em Brasília.**

**José Carlos Córdova Coutinho** - Eu acho muito bem lembrando o tema da educação quando se comemora os 60 anos de Brasília, em qualquer momento ele é oportuno, mas especialmente neste momento, uma vez que o vínculo de Brasília com a educação é muito forte desde a sua origem. Brasília tem um cordão umbilical com a Universidade de Brasília (UnB) e também nasce com o signo da educação com o plano educacional de Anísio Teixeira. Ele trouxe para Brasília todo o seu ideário educacional e pedagógico que hoje é patrimônio cultural do Distrito Federal. Trata-se de um plano modelar que tem servido de exemplo para diversos países. Esses diversos planos compõem hoje um sistema que interliga a base educacional e a realidade urbana.

Sou natural do Rio Grande do Sul, da cidade de São Leopoldo, mas me criei em Porto Alegre e hoje sou cidadão de Brasília. Atualmente sou professor emérito da UnB. Eu me formei em Arquitetura na Universidade do Federal do Rio Grande do Sul, por coincidência no ano em que Brasília foi inaugurada, em 1960, no período somente sete escolas poderiam dar essa formação no país. Esses cursos se comunicavam por meio de congressos e eventos e houve um movimento dessas escolas para fazerem as suas formaturas em Brasília no ano da inauguração da cidade. Levaram a ideia para Juscelino Kubitschek e ele se empolgou com a possibilidade, pois Brasília nascia sob a égide da arquitetura, principalmente através do trabalho de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Mas o

Congresso não aprovou a alteração do calendário escolar. Não formamos em abril, mas formamos em dezembro do ano da inauguração e isso guardo no meu currículo afetivo. Posteriormente, recebi um convite para vir para Brasília de meu grande mestre e parainfo Edgar Graeff, um dos fundadores da UnB, que vinha para Brasília, exatamente a convite de Darcy Ribeiro. Naquele período, eu tinha outras ambições profissionais e acabei dispensando a proposta. Tive no curso de Arquitetura outro mestre Júlio Curtes, que era um apaixonado por patrimônio, não somente apaixonado, mas era um estudioso, era um atuante e foi responsável pela recuperação de boa parte dos Sete Povos das Missões e entre outras coisas. E ele viu em mim uma chispa de interesse pelo patrimônio e me convidou para ser assistente dele na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O campo do patrimônio e conservação me despertou paixões muito fortes. Oito anos depois da inauguração da cidade e seis anos depois da inauguração da UnB, em 1968 recebi um convite para participar de um seminário de reestruturação das Artes e Arquitetura da UnB, pois a universidade tinha passado por um período de devastação na ditadura, incluindo a demissão de 200 professores em solidariedade aos colegas que estavam sendo perseguidos, quase a totalidade dos professores daquela época da instituição. Com o vazio criado, os estudantes se organizaram e exigiram a reabertura do curso de Arquitetura e Urbanismo em condições regulares de funcionamento, dentro do projeto de Darcy e Anísio. Adorei o seminário, era um ambiente muito tenso e ameaçador, com muitas suspeitas de delações e denúncias. Mas era um ambiente desafiador. No final, os estudantes convidaram os professores participantes para ajudarem nesse processo de reconstrução. Muitos colegas de São Paulo e Rio de Janeiro não puderam se comprometer com o projeto. Como eu era solteiro e estava começando na profissão, com um espírito de ousadia que todo jovem tem, eu falei: “eu fico!”. Vim passar 6 meses na implementação do novo projeto e acabei ficando, e faz 51 anos que estou aqui e não voltei mais. Na aposentadoria, além de professor emérito, me tornei membro titular do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal (CONDEPAC) no intuito de corroborar com a preservação do que Brasília tem de mais autêntico, do ponto de vista patrimonial. O primeiro ato deste conselho foi aprovar o tombamento da Prainha dos Orixás – um reconhecimento para as religiões e tradições de matrizes africanas como um vetor de nossa formação cultural. Além disso, me aproximei da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, especialmente, da pasta que cuida do patrimônio histórico e artístico, e sempre estivemos juntos nas Jornadas do Patrimônio.

**2. RCC - Brasília é frequentemente palco de protestos, tensões políticas e reivindicações sociais – decorrentes de seu papel enquanto capital federal. Embora o seu projeto arquitetônico e urbanístico seja reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade, a crescente rejeição social em relação a temas ligados ao mundo da política tende a obscurecer o valor cultural e vocação democrática da cidade. Considerando este cenário, quais são as iniciativas que, em sua opinião, podem contribuir para (re)construção dos laços afetivos entre a população brasileira e a cidade de Brasília?**

**Coutinho** - Brasília é uma utopia. Tinha um grande mestre paulista da arquitetura, o João Batista Vilanova Artigas, que dizia: Critica-se a utopia por ela ser inatingível, mas não se critica as razões pelas quais esse sonho não é alcançado. Temos que nos focar nos motivos pelos quais o sonho não é possível. Justiça social, combate à desigualdade, combate à violência, nada disso é impossível.

Hoje nós vivemos esse sonho de duas faces porque o Brasil é assim, um país de contrastes. Brasília nasceu cheia de promessas, mas na medida em que foi crescendo, foi ficando, cada vez mais, parecida com o pai: o Brasil da favela, da violência, da fome. Isso existe no país, apesar de imoral, e Brasília não poderia ser diferente. Brasília foi uma cidade utópica que foi feita para quinhentas mil pessoas e hoje ela é uma realidade de quatro milhões de pessoas que correram para cá em busca de oportunidades. Viver em Brasília, como em qualquer outro lugar, significa estabelecer laços com o seu espaço habitado, laços afetivos, laços de dependência, necessários para a sobrevivência. Os laços afetivos despertam o amor pelo que é belo, pelo que é bom, pelos demais habitantes. Esses laços precisam ser cultivados porque é sobre eles que se constrói uma vida comunitária. Os laços afetivos se relacionam com os espaços, com as coisas materiais, com os objetos, com as paisagens e isso precisa ser preservado porque é isso que estrutura o lado afetivo do humano, não só o cognitivo e racional. Sem afetividade, a humanidade não sobrevive, nós iríamos direto para as guerras, disputas e conflitos. Quando há cooperação e soma de esforços atingimos os objetivos mais facilmente.

O fundamental para que a população construa esses laços afetivos com o espaço que ela habita é ela se apropriar desse espaço, é ela sentir que o espaço lhe pertence e ela pertence ao espaço. Não devemos nutrir o sentimento de exclusão em espaços que nos pertencem por direito, porque o Palácio do Planalto ou uma casa no Lago Sul compõe o espaço que você habita. Ao andar na Praça dos Três Poderes, deve-se pensar que você é proprietário desse espaço, pois ele foi feito para você, é um espaço da população, que é a legítima proprietária do foi projetado para ela. Nos cabe tomar posse desses espaços. Alguns grupos das Regiões Administrativas, e também de algumas cidades satélites, já entenderam isso e eu vejo com bons olhos esses movimentos culturais.

**3. RCC - Uma gestão efetiva do patrimônio cultural pressupõe uma maior democratização do conhecimento e do acesso a bens culturais. Em uma cidade patrimônio como Brasília, entretanto, existem diversos desafios que são inerentes às políticas de uso e preservação de seu patrimônio histórico e cultural. Tendo em vista as particularidades da capital federal, quais são os principais entraves enfrentados pelos responsáveis pela gestão e preservação do patrimônio no Distrito Federal e que iniciativas têm contribuído para a superação dessas dificuldades?**

**Coutinho** - Um dos principais entraves que temos enfrentado, há bastante tempo, é o despreparo de muitos governantes para gerir não a administração ou a contabilidade do governo; mas a sociedade como um todo. Algumas iniciativas no sentido de romper com esse cenário acontecem por exemplo no campo da educação patrimonial – principalmente quando esta oferece aos estudantes a possibilidade de que saiam da sala de aula para entrar em contato com o espaço público, onde é possível identificar não apenas injustiças e desigualdades, mas também experiências exitosas. Existe muita coisa bem-sucedida, não sejamos pessimistas. O processo de construção de Brasília, por exemplo, tem sido exaltado como uma epopeia, de uma grandiosidade até muitas vezes desproporcional. Essa empreitada, contudo, representou também drama, sacrifício, doença, e até mesmo a morte de muitas pessoas, o que também precisa ser mostrado. Isso é a vida, são como as duas faces de uma moeda, uma dialética entre afirmação e negação – e viver é a eterna luta para superar essa contradição.

**4. RCC - Uma das principais contribuições sociais do patrimônio cultural refere-se à sua capacidade de expressar o legado e a continuidade – elementos essenciais para a construção de qualquer projeto de sociedade. Levando em consideração o aniversário de Brasília, que em 2020 completa 60 anos, como você vislumbra o futuro da cidade?**

**Coutinho** - O futuro é sempre uma incógnita – o que podemos fazer é apostar naquilo que acreditamos e trabalhar por isso, procurando fazer o melhor para a cidade. Por outro lado, precisamos nos preparar também pro que é desfavorável: Brasília, por exemplo, é uma cidade cada vez maior. Ela não é apenas o plano piloto. Brasília é hoje uma cidade que se entende por muitos quilômetros além dos limites do Distrito Federal. Neste sentido, é preciso que estejamos preparados para que uma cidade que hoje possui cerca de quatro milhões de habitantes possa um dia vir a ter seis, oito milhões de habitantes, como já é o caso de outras cidades da América Latina e do Brasil. O que vai estancar o crescimento da cidade, se o sistema não mudar? Desejamos que essa tendência não se efetive, mas precisamos estar preparados, nos antecipando aos problemas que advirão deste processo. Planejar novas áreas de habitação e melhorar as condições habitacionais, para evitar o avanço de zonas de moradia precárias e favelas. O plano piloto tenderá a ser cada vez mais o centro histórico dessa grande cidade, como já é hoje. Isso não quer dizer que seja a cereja do bolo e o resto seja irrelevante. Pelo contrário, é preciso conceber a cidade como um todo com a dignidade que a população merece e dentro de uma visão mais igualitária, justa, etc.

Brasília ostenta hoje o pomposo título de patrimônio da humanidade, o que é um reconhecimento por parte de órgãos internacionais dessa conquista excepcional que foi a construção da capital brasileira. Mas Brasília não está sendo tombada apenas pela UNESCO; ironicamente, Brasília vem sendo progressivamente “tombada” (no sentido de “demolido”) também por interesses adversos, imediatistas e pecuniários, que transformam a cidade em uma mercadoria. Nosso objetivo é evitar isso, e fazer com que Brasília se desenvolva de forma humana e digna, para a sua população e para as populações que virão. ■